

BRASÍLIA

A nova capital vista por seu primeiro prefeito, Plínio Cantanhede

Na manhã ensolarada de 1º de novembro de 1955, graças à gentileza desse grande bandeirante do Século XX, Bernardo Sayão, o então Presidente do BNDE, Glycon de Paiva, e eu, seu auxiliar naquele banco, descíamos de um **teco - teco** na clareira aberta do cerrado, creio que próximo ao local onde mais tarde seria plantado o Catetinho, marco efetivo de Brasília, o grande sonho de JK.

Na vastidão do Planalto, ainda se via o Salto do Paraíso, e como única testemunha da presença do homem, a antiga Fazenda do Gama. Durante pouco mais de um quarto de hora, Glycon e eu sentimos a luminosidade daquele imenso cenário, na grandeza de sua solidão e na beleza do seu firmamento. Nada, nada mesmo a perturbar a serenidade majestática da natureza. A não ser uma toseca cruz de madeira junto ao local em que pousamos, onde em dias próximos, seria celebrada, com a presença do Presidente Café Filho, missa definidora, na tradição luso-brasileira, do nascimento de uma cidade, de um vilarejo de um povoado. A Comissão de Estudo, daquele que na época seria a futura Vera Cruz, tinha a presidência o ilustre general José Pessoa. Bernardo Sayão de Araújo, o grande sonhador, e paradoxalmente o grande realizador, o fundador de Ceres e de Alma, já em 1955 vibrava, enquanto Vice-Governador de Goiás, com a antevisão do que seria a futura Capital.

O presidente Juscelino Kubitschek, o Estadista que ensinou à nossa geração a não ter medo de raciocinar grande, em realizar na escala continental que o Brasil historicamente deve conscientizar-se, demonstrou a visão do político do futuro, enfrentando a tarefa de levantar uma Capital no centro de gravidade do Ecumeno Brasileiro. Fez surgir uma grande cidade no coração do centro-oeste brasileiro, a mais de 1000 quilômetros das grandes metrópoles do País. Sayão, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Israel Pinheiro, à frente de milhares de candangos, criaram o mundo novo de Brasília, que JK concebera na realização do velho sonho de José Bonifácio e do texto constitucional de 96.

Dez anos passados - prazo mínimo na evolução do tempo - desembrava, eu, em março de 1964, em uma cidade, ainda com traços de um grande canteiro de obras, porém, já com as suas bases políticas e sociais estruturadas em seus contornos. Assumia nos primeiros dias de maio de 64 a Prefeitura de Brasília, hoje Governo do Distrito Federal, convocado pelo Presidente Castelo Branco, para administrar a nova Capital - recém instalada em 21 de abril de 1960 no local inóspito e desabitado em que eu pousara em 1955.

Conheci então o que pode o "engenho e a arte" de nossa gente, quando quer realizar. Urbanisticamente, perfeita, graças ao talento do mestre Lúcio Costa, arquitetonicamente uma expressão vibrante da arte e da técnica na concepção magnífica de Oscar Niemeyer; dinamicamente erguida, em seus fundamentos básicos, em menos de um quinquênio pelo entusiasmo contagiante de um grande engenheiro e extraordinário condutor de grandes obras - Israel Pinheiro.

Brasília existia. Vencera os óbices e as incompreensões que todos os grandes empreendimentos sofrem no País, medroso, ainda hoje, de enfrentar corajosamente o seu largo futuro. Era uma realidade inapagável. Realizara - se a velha profecia do santo D. Bosco e a antevisão política do grande Andrada.

A Lei 4545, de 10/12/1964, inicialmente chamada lei Arnaldo Nogueira, traçou as diretrizes gerais e organizacionais do Governo do Distrito Federal, dando à região um perfil sócio-político que o ex-grande canteiro de obras, agora a cidade-menina, exigia, e uma organização que ainda hoje perdura em suas linhas gerais. A Novacap concluiu inúmeros edifícios públicos, entre eles o Itamarati, inaugurando em 1967, o edifício do Tribunal de Contas, mais tarde transferido para a sede do Ministério da Justiça. Estabelecia-se os núcleos habitacionais populares de Taguatinga, Sobradinho e Gama.

A Brasília, que em 1964 só dispunha do Hospital Distrital, em 1967 já apresentava uma rede hospitalar à altura da cidade, com as modernas unidades da L-2 no Plano Piloto, com os hospitais de Sobradinho e do Gama; em conclusão o grande Hospital das Forças Armadas e, em construção, o Hospital dos Servidores, na L-2. Foi ativado em 1965 o Posto Central de Saúde, na L-3, até então inativo, na cidade que, diariamente, sofria os impactos das correntes migratórias de regiões ainda carentes de elementares serviços de saúde. Foi concluído o Teatro Martins Pena. No período, Brasília deixou de sofrer a poeira constante da laterita argilosa de suas extensões, para ver surgir o verde das árvores, plantadas em escala de dezenas de milhares, e a beleza dos gramados e das quadras floridas, dando à cidade o verde e a alegria

Fotos Memória CB



Uma das preocupações da gestão Cantanhede foi com a arborização da cidade

de cores de que tanto carecia.

Expandiram-se as redes de abastecimento d'água e de saneamento básico. Desenvolveu-se a rede de estradas vicinais no território do Distrito Federal, ampliando-se e asfaltando-se a Rodovia Brasília-Taguatinga. As cidades-satélites sofreram sensível acréscimo em suas redes de iluminação pública.

Nesse período, graças ao apoio das autoridades financeiras, iniciou suas operações o Banco Regional, criado por iniciativa da Prefeitura do Distrito Federal, e que hoje continua a ser o principal órgão bancário das atividades do Governo do Distrito Federal e um instrumento poderoso e dinâmico do desenvolvimento da região geoeconômica do oeste brasileiro, cujo pólo é Brasília.

Brasília prepara-se para o grande impulso com que os meus sucessores tão bem souberam conduzir.

Brasília é hoje uma realidade tangível. Aos vinte anos de vida tem uma exuberância e uma dinâmica de vida que Camberra, a capital perdida na imensidão da Austrália, com mais de 40 anos de vida ainda não atingiu.

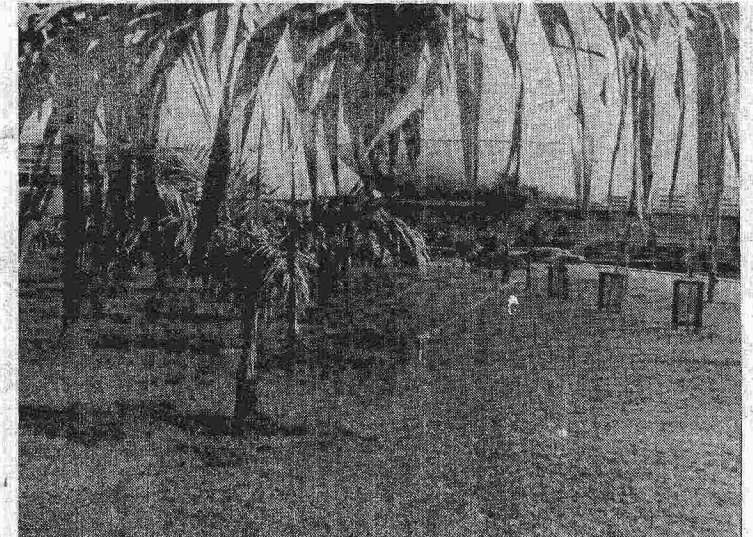
Provocando a expansão do campo econômico brasileiro, Brasília inspirou - se numa gênese criadora. A história exprimiui - se na voz austera e egrégia de pensadores e evidenciaram - se os rumos que o nosso povo teria de percorrer, caminhando para o fundo de um grande mapa tropical. Os mercados de trabalho e de consumo não podiam, por mais tempo, comprimir - se em áreas restritas do País. A multiplicação das riquezas instauraria o processo do agigantamento da Nação. E assim - se que Brasília, pelas repercussões que tem produzido, corrige distorções estatais, ensinando a viabilidade de uma humanização nacional equânime. Não há, indubitavelmente, opinião idônea que conteste os efeitos salutares de uma obra de governo implantado no centro físico do País.

Brasília postula a doutrina da posse nacional. O desempenho dessa missão executa - se na hora em que amplos domínios do Oeste e do Norte crêm na planificação restauradora a que já se dá cumprimento. Sem sofisma, Brasília é o símbolo do caminho que leva as unidades da Federação a uma reclamada fraternidade econômico-social. Estado neutro, aqui está o cérebro das grandes decisões político-administrativas da nacionalidade. Estreitamente ligados aos sentimentos da Nação, os homens do Governo desenvolvem o plano do bem - estar da família brasileira.

Brasília, neste ciclo agitado da vida contemporânea, aceita o desafio das clássicas civilizações e vai presidir a recomposição da cena continental. Na centúria de 1.500 celebrou - se o convênio de Tordesilhas, mas, já naquela estação da História, os pavilhões lusos haviam rompido os meridianos estabelecidos. Sobreveio o Tratado de Madrid, que incorporava à jovem Nação as áreas da Nueva Andalucia. Ninguém logrou, assim deter o avanço humano. Cedia - se às seduções incontroláveis de um determinismo geográfico. O dom da expansão é uma lei. E o bandeirante foi o seu executor.



Plínio Cantanhede foi prefeito de Brasília (64/67) e atualmente Presidente do Clube de Engenheiros



Cantanhede vê a cidade "como um poema que o povo está escrevendo"

Todo propósito do Estado, no que atina à racionalização de normas de vida, corresponde a uma aspiração comum dos povos. O governo brasileiro, em íntima sintonia com as manifestações universais, exerce posição corajosa. Toma - se uma série de providências que prevêm harmônica emancipação da vida brasileira. Há a conscientização do dever. E por considerarmos que o progresso é esquematizado e disciplinado, de modo a não poupar qualquer área do País, estamos convictos de que, sem tardança, o subdesenvolvimento não mais tripudiará sobre densas concentrações populacionais.

O Brasil, isto não seria falho pressuposto, encontra - se às vésperas de uma fase de imperioso desenvolvimento. O sonho e o ideal que cruzaram, límpidos, a estrada das épocas, alumiaram os estadistas de hoje e os fizeram adotar

uma sistemática de humanização de um imenso País. Milhões de patricios, insulados pela solidão, ou encarcerados às ilhas do atraso, tratarão, agora, de demolir a trágica e triste fisionomia social de um grande arquipélago. Funda - se, assim, o Estado justo, assentado sobre um império contínuo, onde se proscreve o pauperismo, de modo a que todos tenham acesso ao bem - estar.

Particularizando o comportamento administrativo do Governo do Distrito Federal, devo ressaltar a preocupação de criar - se uma infra-estrutura econômica sólida, que atenda às imposições hodiernas. As classes produtoras, que diretamente participam da luta pela afirmação da cidade, não deixariam de testemunhar os altos intuitos da atual gestão.

Implantamos em 1966 o Banco Regional de Brasília e a Companhia do Desenvolvimento do Planalto, consagrados na lei da Reforma Administrativa do Dis-

trito Federal, como órgãos propulsores, por excelência, do desenvolvimento econômico de toda região. São instrumentos vigorosos que estão dando à Brasília e às áreas circundantes um programa vital de desenvolvimento, flexionando as atividades de que o Governo local participe, condensando fluxos de recursos que de outras entidades financeiras nacionais ou internacionais procurem o Planalto como fonte de suas aplicações.

Aos 18 de maio de 1964, unicamente com a intuição de mais de vinte anos de administração, vívidos nos grandes centros, sem maiores conhecimentos desta região, traçávamos as diretrizes da nossa ação, assim nos referindo aos problemas fundamentais da nova Capital:

"Brasília é uma maravilha de ontem, ainda com as dores de um parto excessivamente rápido, porém, já com problemas de uma cidade centenária. Equacioná-los, para início de suas soluções, na dinâmica de uma evolução que não pode parar, é a diretriz fundamental de qualquer plano de ação. Corrigir, aperfeiçoando, o que a construção em ritmo intenso gerou, é tarefa que exige do administrador consciente. Passada a fase da audácia e do arrojo do pioneirismo, que sempre caracterizou o desenvolvimento de uma "urbe", mormente nas condições em que Brasília surgiu, impõe-se, agora, um planejamento seguro e firme, para sua manutenção e expansão, repetidos os princípios criadores basilares da sua fundação. Planejamento, sem temor de parecer prudente, por ser realístico e adequado às contingências da conjuntura econômica nacional. Programação sem fantasias dos planos que o papel aceita com tolerância, mas que as possibilidades de execução rejeitam liminarmente. Planejamento, em todos os setores, sem o preciosismo dos requintes, porém sem o esquecimento das normas fundamentais de uma ação coordenada. Programa que não traga o nome de um homem e sim que represente o trabalho de uma equipe que se põs, com devotamento, ao serviço do País".

E, assim definíamos o nosso plano de ação: "Planejar dentro de uma diretriz ampla - tornar esta joia do urbanismo contemporâneo numa cidade, na legítima aceitação do conceito social, com características e proporções humanas. Sem sacrificar a monumentalidade de sua concepção e que a capital de um País continental deve ter, é necessário pensar no terra - a - terra das condições humanas de convivência social. Serviços públicos, facilidades de acesso à capital, comunicações rápidas, transportes metropolitanos, pavimentação, ajardinamento, energia elétrica, abastecimento, são marcos a expandir de uma infra-estrutura que é necessário fixar. Sobre ela descansará a superestrutura social, com as suas habitações, edifícios, escolas, centros de diversões e cultura, pontos de turismo, de forma que os que aqui se radicaram ou venham a se radicar encontrem reais e cada dia melhores condições de vida. Que dê aos brasilienses o orgulho de sua cidade, não só como capital política do País ou cartão paisagístico, e sim como cidade em que, a vida é feliz e boa de ser vivida na

simplicidade da convivência humana".

"Em planejamento a prazo longo, cuja realização escapará, evidentemente, à transitoriedade de um administrador a prazo fixo, cumpre delinear as bases para que nos arredores de Brasília se desenvolva uma região geoeconômica de estrutura agropecuária, com a consequente industrialização de sua produção, visando não só a constituir fonte de abastecimento da capital, mas sobretudo, criar e expandir uma fonte de riqueza, capaz de aliviar e no futuro suprimir os ônus de manutenção de uma capital exclusivamente política. As etapas iniciais, a serem fixadas em um programa a curto prazo, poderão revelar, no futuro, que Brasília, a capital política, encontrará na economia regional que se cria as fontes da sua manutenção e da sua expansão".

Ultimar em Brasília as condições essenciais à convivência social e criar uma fonte de riqueza regional que fundamente a economia da capital, são elementos para a consolidação do grande sonho de D. Bosco. E uma gente que soube no passado arrancar os limites do País para o oeste na beleza das Bandeiras, um pouco que soube criar nos trópicos uma nação, uma raça, que, com as suas tradições, com o seu espírito cristão, com o vigor e a inteligência de seus homens soube plantar um país que é um continente, não poderá estancar diante das dificuldades de consolidar no coração do País a sua capital política.

Ambiente de fácil convivência entre os que têm as responsabilidades dos destinos do País, Brasília já demonstrou ter o clima ideal para motivar a solução das crises, que assaltaram a nação e que, neste Planalto de civismo, encontraram o caminho natural, dentro das melhores tradições do nosso povo. Houve, de todas as partes, uma tributação espiritual que veio desaguar neste estuário. E o santo milagre da unidade brasileira, tão caracterizada na harmonia da língua, da filosofia política e dos sentimentos cristãos, compõem como energias de alta vitalidade o processo histórico de uma nação que é, em termos simultâneos, austera e vibrátil. Austera porque é inflexível ao postular o sacerdócio da democracia. Vibrátil porque se ajusta ao ritmo das gradações do mundo moderno.

Brasília convidou o Oeste a ter fé em si mesmo. Transcendendo aquilo que delimita os ritos de uma cerimônia local, a alma de Brasília é do tamanho da pátria que ela representa. Brasília é um corpo de doutrina a envolver pontos programáticos de inegável profundidade social. A imagem leve e sonora desta pátria indígena reflete - se no granito da "urbs" que é, hoje, um dos grandes monumentos arquitetônicos urbanísticos do mundo contemporâneo.

Brasileiros de todas as áreas territoriais aglutinaram - se em Brasília para dar - lhe o toque de uma paisagem que envolve os aspectos humanos e cívicos da Pátria. E constrói - se uma nova cultura, pois esta cidade é o laboratório onde se está formulando um tipo autêntico do elemento brasileiro na síntese sagrada da unidade nacional.

O pesquisador do homem, quando escoarem anos ou décadas, concluirá que Brasília configura - se como fator central nesta obra de cristalização de nossos valores éticos.

O monumento à cultura e à técnica, que Brasília hoje representa, não é massa morta. Nem é símbolo ocioso. Representa a força criadora da inteligência pátria, que se movimenta e palpita, num vigor que encoraja os pósteros. Não há, em Brasília, interpretações dúbias, nem revelações fortuitas. A sua beleza doutrinária apresenta um fatalismo nacional. Pois, não há marcos nem muros que oprimam a cidade. Ela é plana, e dela as idéias da redenção partem, sem as vicissitudes que o primitivismo pudesse sugerir.

Brasília é o poema que um povo está escrevendo. É poema social, refletindo movimentos que o homem brasileiro realizou, buscando as conquistas da História. É força da idéia que conjurou o impossível, acordando as energias ociosas de um seleiro de riquezas - este Planalto Central - que o próprio Brasil desconhecia. É a vocação de um povo pacífico em ocupar o seu território. É grito de vitalidade que se aperfila neste desiderato de fortalecer o continente através do progresso e da harmonia social.

Brasília não possui milenares grutas para o exercício do instrumento arqueológico. Nem centenas de castelos ou burgos, nem museus onde coleções de manuscritos ou infólios permitissem o trabalho acurado e paciente do historiador. Não se vislumbra o choque das armas, nem o tinger do sangue em sua afirmação, em lances épicos que iluminam o passado.

A história de Brasília, agora, a estamos fazendo. Nestes 20 anos. E a tradição de Brasília é o futuro!